



Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

Letras, Linguística
e Artes: Perspectivas
Críticas e Teóricas 4

Atena
Editora

Ano 2019

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

Letras, Linguística e Artes:
Perspectivas Críticas e Teóricas 4

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
L649	Letras, linguísticas e artes: perspectivas críticas e teóricas 4 [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Letras, Linguísticas e Artes: Perspectivas Críticas e Teóricas; v. 4) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-704-8 DOI 10.22533/at.ed.048190910 1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes. 3. Letras. 4. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de. II. Série. CDD 407
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

No quarto volume deste e-book abrangente das áreas de Letras, Linguísticas e Artes, o leitor encontrará uma possibilidade de textos capazes de problematizar sua intervenção como agente protagonista e pesquisador, pois em cada reflexão são apontados inúmeros caminhos capazes de direcionar o leitor atento a problematizar sua proficiência e autonomia. Todo esse caminho discursivo se concretiza nas reflexões dos vinte e oito capítulos, que, certamente, contribuirão com a ampliação do leitor.

No primeiro capítulo, a autora relaciona a formação identitária visual dos alunos diante das influências do imaginário e do cotidiano escolar. No segundo capítulo, a temática do letramento em língua portuguesa para a pessoa surda representa o foco. No terceiro capítulo, discute-se a poética no curso de dança, por meio do *livro de artista*. No quarto capítulo, os autores analisam a construção da identidade, baseando-se em uma investigação de cunho analítico.

No quinto capítulo, são reconstruídos os percursos em torno da memória, sobretudo, do termo *reza*. No sexto capítulo, os modos de organização da linguagem artística dança são problematizados a partir das reflexões reveladas ao longo do estudo. No sétimo capítulo, os autores analisam o multiculturalismo e a aquisição de um novo idioma. No oitavo capítulo, a concepção à especialidade *autismo* é analisada na relação com os envolvidos no espaço escolar.

No nono capítulo, o contexto do Brasil quinhentista é apresentado a partir de uma análise historiográfica linguística. No décimo capítulo, a leitura é problematizada nos espaços do livro e das novas tecnologias digitais inseridas nos contextos de ensino. No décimo primeiro capítulo, o autor traz para a sala de aula as reflexões de Bakhtin, reafirmando a necessidade propositiva de utilização do autor no processo de ensino e aprendizagem na escola. No décimo segundo capítulo, é analisada a grotescalização da linguagem cômica europeia e a cultura cômica brasileira contemporânea.

No décimo terceiro capítulo, a autora analisa uma obra literária, apresentando questões sobre a personagem principal. No décimo quarto capítulo, o autor reflete, a partir de uma obra literária, além de problematizar questões e propor a ampliação de olhares sobre o texto literário. No décimo quinto capítulo, a autora rediscute a importância da Arte na educação infantil. No décimo sexto capítulo, a autora estabelece um processo de compreensão em dança, associando-o com os demais elementos na arte do movimento.

No décimo sétimo capítulo, a autora amplia a visão dos leitores sobre processos criativos em Rede Digital. No décimo oitavo capítulo, a autora coloca em destaque a presença do professor e do Ser professor. No décimo nono capítulo, há a proposição de um diálogo harmônico com uma ópera. No vigésimo capítulo, enfatiza-se a importância do ensino de Arte na Educação de Jovens e Adultos.

No vigésimo primeiro capítulo, as autoras refletem como a noção de sujeito foi sendo construída nos estudos linguísticos. No vigésimo segundo capítulo, as autoras abordam a educação informal como possibilidade de interação afetiva entre seis irmãos. No vigésimo terceiro capítulo, os autores descrevem as vivências de estudantes e, para isso, utilizam a linguagem midiática. No vigésimo quarto capítulo, os autores analisam, reflexivamente, as criações poéticas investigadas.

No vigésimo quinto capítulo, a autora coloca em destaque dois idiomas no campo da discussão. No vigésimo sexto capítulo, os autores colocam em destaque a corporeidade de um povo indígena. No vigésimo sétimo capítulo, a autora discute conceitos essenciais para multimodalidade. E, por fim, no vigésimo oitavo e último capítulo, a autora apresenta reflexões sobre a importância da literatura para o desenvolvimento do ser humano em sua complexidade, bem como sobre a viabilidade de desenvolver um trabalho com gêneros textuais baseado no Interacionismo Sociodiscursivo, de Bronckart (2003), Schneuwly e Dolz (1999), como uma possibilidade de sistematização do ensino de literatura em língua inglesa.

No término desta sucinta apresentação ficam explícitos os múltiplos desejos de que todos os leitores tenham a oportunidade de investigar novos caminhos, sendo eles desejosos de encontrar as respostas para suas próprias indagações.

Ivan Vale de Sousa.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
IDENTIDADE VISUAL E APROPRIAÇÃO ARTÍSTICA – O NOME COMO MARCA	
Christiane de Faria Pereira Arcuri	
DOI 10.22533/at.ed.0481909101	
CAPÍTULO 2	13
LETRAMENTO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA PESSOA COM SURDEZ	
Esmeraci Santos do Nascimento	
Antonia Luzivan Moreira Policarpo	
DOI 10.22533/at.ed.0481909102	
CAPÍTULO 3	23
LIVRO DE ARTISTA: ENSINO E POÉTICA NO CURSO DE DANÇA	
Carla Carvalho	
Mariana Lopes Junqueira	
DOI 10.22533/at.ed.0481909103	
CAPÍTULO 4	35
LUGAR DA IDENTIDADE EM MULAN: FEMININO OU MASCULINO?	
Marcus Pierre de Carvalho Baptista	
Elisabeth Mary de Carvalho Baptista	
DOI 10.22533/at.ed.0481909104	
CAPÍTULO 5	48
MEMÓRIAS SOBRE A REZA: PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO SOLO “PÉ DE OLIVEIRA”	
Ewellyn Elenn de Oliveira Lima	
DOI 10.22533/at.ed.0481909105	
CAPÍTULO 6	54
MODOS ORGANIZATIVOS EM DANÇA: A VULNERABILIDADE COMO ESTRATÉGIA DE ATRAVESAMENTOS	
Adriana Bittencourt Machado	
Ireno Gomes da Silva Junior	
DOI 10.22533/at.ed.0481909106	
CAPÍTULO 7	61
MULTICULTURALISMO E A AQUISIÇÃO DE UM NOVO IDIOMA	
Fabio da Silva Pereira	
Janiara de Lima Medeiros	
Marcela Pinto Reis	
Melissa Jacob Otoni de Souza	
Monique Oliveira	
Ohana Gabi Marçal dos Passos	
DOI 10.22533/at.ed.0481909107	

CAPÍTULO 8	73
O AUTISMO NO CONTEXTO ESCOLAR: UM DESAFIO DE GESTÃO	
Anitereze Sevalho Lopes	
Rosineide Rodrigues Monteiro	
DOI 10.22533/at.ed.0481909108	
CAPÍTULO 9	85
O BRASIL QUINHENTISTA E A HISTORIOGRAFIA LINGÜÍSTICA: INTERFACES	
Leonardo Ferreira Kaltner	
DOI 10.22533/at.ed.0481909109	
CAPÍTULO 10	99
O ESPAÇO DO LIVRO E AS NOVAS TECNOLOGIAS: PROBLEMATIZAÇÃO CONTEMPORÂNEA DA LEITURA	
Thiago Barbosa Soares	
DOI 10.22533/at.ed.04819091010	
CAPÍTULO 11	112
NA SALA DE AULA COM MIKHAIL BAKHTIN	
Ivan Vale de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.04819091011	
CAPÍTULO 12	123
O GROTESCO NA CULTURA MEDIEVAL EUROPEIA E A GROTESCALIZAÇÃO NA NOVA PERCEPÇÃO HISTÓRICA E MUDIÁTICA DA CULTURA CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA	
Everaldo dos Santos Almeida	
Roberto Max Louzeiro Pimentel	
DOI 10.22533/at.ed.04819091012	
CAPÍTULO 13	135
O INVERNO DE BÁRBARA: UMA ANÁLISE DO CONTO “BÁRBARA NO INVERNO”, DE MILTON HATOUM	
Lídia Carla Holanda Alcântara	
DOI 10.22533/at.ed.04819091013	
CAPÍTULO 14	145
PEDAÇOS DE PAISAGENS AQUI DENTRO: ASPECTOS DA PROSA LUSITANA OITOCENTISTA EM EÇA DE QUEIRÓS, FIALHO DE ALMEIDA E TRINDADE COELHO	
André Carneiro Ramos	
DOI 10.22533/at.ed.04819091014	
CAPÍTULO 15	157
PERCEBER O OLHAR ATENTO DAS CRIANÇAS SOBRE O MUNDO PERMITE REALIZAR PROPOSTAS CONVIDATIVAS DE ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
Renata Pereira Navajas Mancilha Barbosa	
DOI 10.22533/at.ed.04819091015	
CAPÍTULO 16	166
PROCESSO DE CRIAÇÃO EM DANÇA: IMPROVISAÇÃO, SONS E IMAGENS	
Juliana Cunha Passos	
DOI 10.22533/at.ed.04819091016	

CAPÍTULO 17	184
PROCESSOS CRIATIVOS EM REDE DIGITAL: POR QUE INTERPRETAR A NÓS MESMOS + [POR UMA ESTRATÉGIA DE SOBREVIVÊNCIA]	
Iara Cerqueira Linhares de Albuquerque	
DOI 10.22533/at.ed.04819091017	
CAPÍTULO 18	192
PROFESSOR TAMBÉM FAZ ARTE: O DESENHO DE UMA POLÍTICA PÚBLICA	
Iêda Maria Loureiro de Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.04819091018	
CAPÍTULO 19	202
QUANDO O BALÉ FALA DE SI MESMO: O SUSPIRO DE VERONIQUE DOISNEAU	
Rousejanny da Silva Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.04819091019	
CAPÍTULO 20	208
RESISTÊNCIA POLÍTICA CRIADORA: ARTE NA EJA PARA ALÉM DO LETRAMENTO	
Fernando Bueno Catelan	
DOI 10.22533/at.ed.04819091020	
CAPÍTULO 21	217
REVISITANDO A NOÇÃO DE SUJEITO NOS ESTUDOS DA LINGUAGEM	
Maria Gorette da Silva Ferreira Sampaio	
Gerenice Ribeiro de Oliveira Cortes	
DOI 10.22533/at.ed.04819091021	
CAPÍTULO 22	227
SOMOS SEIS: ARTE E POÉTICA DO COTIDIANO NA ESTÉTICA DAS RELAÇÕES	
Tarcila Lima da Costa	
Fernanda Maria Macahiba Massagardi	
DOI 10.22533/at.ed.04819091022	
CAPÍTULO 23	238
SOMOS TODOS IGUAIS NAS DIFERENÇAS: EXPERIÊNCIA ESTÉTICO-SOCIAL A PARTIR DO VÍDEO CLIPE “BLACK OR WHITE”, DO ARTISTA MICHAEL JACKSON	
Laura Paola Ferreira	
Fabrício Andrade	
Aline Choucair Vaz	
DOI 10.22533/at.ed.04819091023	
CAPÍTULO 24	247
SUSPENDAMOS A TAÇA PELOS DIAS QUE VIVEU: A CRIAÇÃO POÉTICA SOB A PERSPECTIVA DA RECORDAÇÃO EM POEMAS DE RUY BARATA	
Adonai da Silva de Medeiros	
Elielson de Souza Figueiredo	
DOI 10.22533/at.ed.04819091024	

CAPÍTULO 25	266
TEACHING FOREIGN LANGUAGES IN FRANCE: THE CASE OF PORTUGUESE AND SPANISH	
Carolina Nogueira-François	
DOI 10.22533/at.ed.04819091025	
CAPÍTULO 26	277
TORÉ INDÍGENA TABAJARA: DANÇA, CULTURA E TRANSFORMAÇÕES	
Cristina da Conceição Resende	
Victor Hugo Neves de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.04819091026	
CAPÍTULO 27	283
UM DEBATE METODOLÓGICO PARA TRANSCRIÇÃO E ANÁLISE MULTIMODAL DE CORPUS AUDIOVISUAL	
Larissa de Pinho Cavalcanti	
DOI 10.22533/at.ed.04819091027	
CAPÍTULO 28	295
A FORMAÇÃO DE MULTIPLICADORES TEATRAIS EM COMUNIDADES DE MANAUS: A CONSTRUÇÃO DE UMA PROPOSTA METODOLÓGICA QUE CONSIDERA AS DIMENSÕES DE CULTURA POPULAR, ARTE E VIDA E O SABER DA EXPERIÊNCIA	
Amanda Aguiar Ayres	
DOI 10.22533/at.ed.04819091028	
SOBRE O ORGANIZADOR	306
ÍNDICE REMISSIVO	307

PEDAÇOS DE PAISAGENS AQUI DENTRO: ASPECTOS DA PROSA LUSITANA OITOCENTISTA EM EÇA DE QUEIRÓS, FIALHO DE ALMEIDA E TRINDADE COELHO

André Carneiro Ramos

UNIMONTES, Departamento de Comunicação e
Letras
Montes Claros – MG

Eça de Queirós; paisagem.

PIECES OF LANDSCAPES HERE IN:
ASPECTS OF THE OITOCENTIST LUSITANA
PROSA IN EÇA DE QUEIRÓS, FIALHO DE
ALMEIDA AND TRINDADE COELHO

RESUMO: Pretendo aqui desenvolver uma reflexão sobre a abordagem temática da paisagem envolvendo Eça de Queirós (*O crime do padre Amaro*, 1875; *Os Maias*, 1888; *Prosas bárbaras*, 1903), e dois de seus contemporâneos: Fialho de Almeida (*O país das uvas*, 1893) e Trindade Coelho (*Os meus amores*, 1891). Indagarei, portanto, sobre a questão da textualização do espaço em tais obras na transição dos séculos XIX-XX. E nessa imprevista ação de demonstrar o diálogo do criador de João da Eça com alguns de seus pares, a pergunta que mais me interessa é: seria possível se pensar em motes para cada um dos escritores elencados, que os motivasse a traduzir para seus romances a paisagem lusitana seja ela citadina ou campesina? Sintonizados por essa premissa, críticos como Michel Collot, Walter Benjamin, Maurice Blanchot, Carlo Ginzburg e Georges Didi-Huberman me levam a crer que as aproximações entre leitores e paisagens narradas representariam muito bem o delineamento de fecundas possibilidades de compreensão/reinvenção das referidas obras.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Portuguesa;

ABSTRACT: I intend here to develop a reflection on the thematic approach of the landscape involving Eça de Queirós (*O crime do padre Amaro*, 1875, *Os Maias*, 1888, *Prosas bárbaras*, 1903), and two of his contemporaries: Fialho de Almeida (*O país das uvas*, 1893) and Trindade Coelho (*Os meus amores*, 1891). I will therefore inquire about the question of the textualization of space in such works in the transition from the nineteenth to the twentieth century's. And in this unforeseen action of demonstrating the dialogue of the creator of João da Eça with some of his peers, the question that interests me the most is: would it be possible to think of motes for each of the writers listed, that motivates them to translate to their novels a landscape, whether she is a city or a peasant? In tune with this premise, critics such as Michel Collot, Walter Benjamin, Maurice Blanchot, Carlo Ginzburg and Georges Didi-Huberman lead me to believe that the approximations between readers and landscapes narrated would represent very well the design of fertile possibilities of understanding/

reinvention of these works.

KEYWORDS: Portuguese Literature; Eça de Queirós; landscape.

1 | INTRODUÇÃO

Longos anos o Ramalhete permanecera desabitado, com teias de aranha pelas grades dos postigos térreos, e cobrindo-se de tons de ruína.

Eça de Queirós. *In: Os Maias*

No poema “Morte ao meio-dia”, de Ruy Belo, há um verso que muito nos diz sobre a essência de um povo cuja mácula de um retumbante fracasso ainda carrega, expresso no desenhar de uma paisagem esfacelada daquilo que poderia ter sido e não foi: “*O meu país é o que o mar não quer (...)*” (2014, p. 22).

Portugal como um destino não realizado tornou-se, portanto, um estigma, o que visceralmente corroborou com a perene formação (e certa consagração) do lusitano como um indivíduo propenso à melancolia; não bem uma tristeza, digamos, compassiva apenas, mas um sentimento que se correlacionaria para sempre à memória coletiva dos feitos engrandecedores de uma nação que já esteve às portas da glória, mas que a certa altura permitiu que tudo se perdesse...

O amor a Portugal e a mágoa, a dor e a melancolia incurável de ter visto a luz “neste país perdido”, é um topos camoniano que percorre como um veneno, como uma maldição e às vezes como uma utopia regeneradora e uma visão futurante a literatura portuguesa, desde Garrett e sobretudo desde o tempo finissecular oitocentista até Pessoa, Torga, Manuel Alegre, Ruy Belo e outros autores (...) Felizes, neste país cronicamente pobre, endividado, injusto, em estado permanente de “ruína cultural”, como disse Pessoa, só alguns gestores e alguns economistas... (2019).

Esse comentário do professor Vitor Manuel Aguiar e Silva bem salienta a perspectiva de um país secularmente à procura de si mesmo, que à revelia de qualquer negação cultivou a esperança de continuar trafegando por mares ainda inexplorados. E essa metáfora náutica pode ser entendida como a possibilidade de uma incursão existencial coletiva até, num autorreconhecimento de Portugal gerado por uma auto-escuta. Curioso é o fato de Camões, como símbolo, aglutinar em suas facetas de escritor/poeta mitológico, associadas às de soldado/prisioneiro/homem de carne e osso a constatação de um auge autoral que cederia lugar a uma decrepitude quase indigente. Como se nota, trata-se de um destino trágico que Portugal, nos anos posteriores, ainda tenta ainda compreender e, de certo modo, aceitar.

Nesse ínterim, a noção de paisagem enquanto construção cultural paulatinamente ganharia força na modernidade, com o adensamento da percepção do ato de “ver” (em especial o do artista, rasurando os ditames clássicos), que se dilatava através da ideia de “contemplação” condicionada ao provisório, tendo o tempo e o espaço como anunciadores/desestabilizadores ainda maiores das vicissitudes da vida. Para Marshall Berman, “(...) moderno é encontrar-se em um ambiente que promete (...)”

autotransformação das coisas em redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos (1987, p. 15).

Tomarei aqui, por conseguinte, enquanto uma dialética possibilidade, o fato de alguns escritores portugueses descreverem em suas narrativas, na segunda metade do século XIX, certos locais (a que chamaremos de “paisagens”) objetivando não só o mero relato, mas a ampliação conceitual de três elementos: o(s) sujeito(s) envolvido(s) na ação; a natureza ao redor, bem como os elementos que a compõem; e a própria ideia influenciadora de cultura. Salientamos ainda nisso tudo a ocorrência de a literatura tentar captar/expor em tais desdobramentos a mencionada “autotransformação das coisas ao redor”, efetivando-se enquanto pulsão rasurante e de permanente fricção entre mundo e indivíduo.

Sugestionado pela acertiva de Michel Collot, no que tange à noção de que “(...) a consciência se forma como ser no mundo, que existe senão por meio de um sujeito que se “espacializa” na medida em que o sujeito se interioriza feito paisagem” (Trad. nossa, 2005, p. 44), compreendo que no final do século XIX ocorreu em Portugal uma atividade literária voltada para a problemática contemporânea com alguns pormenores direcionados para tal temática. E em seu ponto mais alto se encontra o Sr. José Maria Eça de Queirós, representante singular do Realismo-Naturalismo na terra de Camões. Principiarei por ele.

2 | EÇA DE QUEIRÓS: PAISAGENS RASGADAS, NUMA PINTURA “HÍBRIDA E MULTIFORME”

O autor de *A ilustre casa de Ramires* (1900) estudou Direito em Coimbra, onde viveu o período mais efervescente da “Questão Coimbrã”. Trabalhou como funcionário público em Portugal, mas foram suas viagens e a carreira diplomática (Cuba, Inglaterra e França) o que lhe proporcionou um amplo conhecimento da sociedade e da cultura de seu tempo. Tem, em conjunto, uma obra completa: pode-se dizer que há inicialmente um Eça de Queirós romântico; depois, um Eça realista e “naturalista” e, mais tarde, um autor eclético, aberto às diversas influências e atento a diferentes problemas como se nota no comentário a seguir, extraído de uma carta que o escritor enviou a Teófilo Braga (1951, p. 52): “*A minha ambição seria pintar a Sociedade portuguesa, tal qual a fez o Constitucionalismo desde 1830 – e mostrar-lhe, como num espelho, que triste país eles formam, eles e elas*”.

O Eça de Queirós romântico está representado, sobretudo, por um conjunto de cadernos reunidos sob o título de *Prosas bárbaras*, obra que reúne suas primeiras investidas na ficção (publicada postumamente em 1903, e que por isso será mencionada neste contexto antes de *Os Maias*), e não pensemos que o Romantismo desses textos seja algo que gire somente ao redor do sentimentalismo, tão querido à segunda geração romântica em Portugal; trata-se de um Romantismo de

temática decadentista, macabra e satanista (por vezes mórbido), onde são notórias as influências de Hoffmann, Heine, Poe, Baudelaire, e até mesmo Flaubert. Mas também fica evidente a inovação estilística que supõe, revelando já em determinados personagens um embrião de crítica social, divulgadores de um antiburguesismo feroz que parece preludiar já o que fará de sátira em suas obras naturalistas.

Muito estranha e repleta de “forças tenebrosas” (SARAIVA & LOPES, s/d. p. 970), a natureza descrita pelo jovem Eça funciona aqui como uma abertura para se refletir sobre a noção de ruína presente em algumas de suas obras, elemento, no caso de Portugal, intrinsecamente ligado à temática da paisagem. E nesses primeiros escritos queirosianos, evidencia-se também uma entrega existencial do narrador, que parece querer quase sempre mesclar-se aos cenários apresentados. Cito:

E ao menos durante a vida convivamos com a Natureza; quando entramos numa floresta parece que a luz do sol, que escorre abundante e fecunda, nos enche todo o interior, despertando ali, como faz nas madrugadas de Maio, os coros de pássaros: e depois há um repouso sagrado como se todas as iras, e as amarguras, e os desalentos, e os terrores, se curvassem na mesma humildade, ao elevar-se na alma uma hóstia misteriosa. (QUEIRÓS, 1980, p. 43).

No trecho acima, retirado do conto “Os mortos”, nos é mencionada a ideia de transfigurações, que conduzem os seres à imortalidade dos átomos; fala-se também sobre a felicidade daqueles que partiram desta vida, não havendo razão, portanto, para que se tema a morte. Finaliza com uma exaltação à natureza, onde se materializa o bem, a pureza e a serenidade, sugerindo-nos que o corpo não deve ser derradeiramente depositado num esquife, mas lançado ao solo fértil, para se tornar energia. Mais adiante, apresenta-nos em “As misérias: entre a neve”, a história de um lenhador que, numa madrugada de frio extremado, parte para a floresta em busca de sustento para sua pobre família. Só que o narrador é imperdoável ao descrever a ação maléfica desse personagem, que com o seu “trabalho” realizava sempre um massacre da natureza; o clímax do conto se dá quando as forças daquele meio se unem contra quem o desrespeitava.

Ora bem: tais passagens evidenciam uma vontade de domínio que faz pensar na ambição do escritor em se estabelecer como prosador, algo perceptível no trabalho que realizou na procura por sua voz narrativa; nesse ponto, o olhar do jovem Eça, curioso, alterna-se entre aquilo que vê do lado de fora e por dentro de si. Reitero: nesse tempo, preocupado com a estética ultrarromântica, seu narrador imbrica-se à cena descrita, procedimento chamado de “focalização interna” pela teoria literária, com o autor trabalhando o envolvimento qualitativo de seus personagens com os aspectos de sua história através desse expediente.

Interessa-me que o contemplar desse primeiro narrador queirosiano se manifesta “mesclado” ao horizonte que o instiga, seja ele real ou imaginário. Segundo Michel Collot, foi no Romantismo que a teoria da paisagem, após adquirir o seu “estado de alma”, “(...) enfatizará o aspecto subjetivo, parcial, e egocêntrico de nossa experiência do espaço” (apud NEGREIROS *et al*, 2012, p. 12).

Nesse processo de criação, o olhar do escritor só faz sentido em função de um espaço que, sendo cativante e absorvente da atenção do protagonista, por exemplo, não é homogêneo nem coeso. No caso, esse púbere vislumbre de nosso autor se expandiria em direção à natureza, mas suas retinas procurariam também muito pelas cidades, e é sobre tais sítios que já se esboçam os vestígios uma atitude de desafio, de crítica, e até mesmo de posse por parte de Eça de Queirós: “*Sente-se abundante, gorda, coberta de luz. (...) Paris, Londres, Nova Iorque, Berlim, suam e trabalham, em espírito. Ela [Lisboa] não tem que semear: por isso, ressona ao Sol*”. (QUEIRÓS, 1980, p. 66).

Trata-se de outro conto, intitulado “Lisboa”, em que ele aborda a apatia e a sonolência como características da capital, descrevendo prédios onde os andares representam a noção de estratificação social: no primeiro andar, a burguesia rica, depois a classe média, acima os que trabalham e, por último, nos pisos superiores, os mendigos. Censura, dessa forma, um lado vil da paisagem de concreto em Lisboa (leia-se aqui: “ruínas”), um lugar que, a par das produções socioculturais de outros lugares (Atenas com a escultura, Roma com o direito, Paris com a revolução, etc.), celebrou-se pela invenção do fado!

Como se nota, nesse contato com as cidades, inúmeros lugares-paisagens assumem comportamentos de entidades vivas e motivadoras de variadas ambições, com os personagens se confundindo com os horizontes descritos. Ampliando esse clima ignóbil, o que vemos em “Lisboa” associa-se não somente ao esfacelamento de uma natureza que outrora nos equilibrava, mas o surgimento de uma sociedade lisboeta de fins do século XIX que já se aproximava de sua condição de “personagem” para o autor; esse desafio, habilmente ensaiado em *Prosas bárbaras*, não se separaria desse outro abrangente espaço, a cidade, enquadrador das tensões e transformações embotadas no estrago social lusitano, com Lisboa se firmando como uma alegoria, espécie de “imagem-dialética” à lá Walter Benjamin (*Apud* MURICY, p. 234).

Tempos depois, já na primeira versão de *O crime do Padre Amaro* (1875), também haveria de aparecer esse Romantismo macabro e mórbido dos primeiros anos, mas que se atenuaria, porém, na segunda versão da obra (1876), cedendo lugar a determinados aspectos que souberam entrar em uma progressiva abertura, num tom marcadamente realista-naturalista (a última versão da obra sairia em 1880). O fato é que as três versões falam muito sobre a degradação da estética romântica do autor, bem como de sua progressiva admiração pelos valores da estética naturalista.

Mas o que parece mesmo é que após isso se iniciaria o processo de relativização do Naturalismo em Eça de Queirós. E o mesmo estava acontecendo na Europa desde 1880, quando tal Escola começou a ser desacreditada, pelo menos do ponto de vista estético, por todo rigor obsessivo e positivista que levava os artistas a um cientificismo absurdo. E o posicionamento do escritor caminhou nesse sentido, mais inclinado às realizações estéticas de caráter idealista, fantástica, e

com preponderâncias críticas, obviamente. Ouso dizer que Eça talvez tenha sido um naturalista por obrigações de escola. Evidências disso são obras do calibre de *O mandarim* (1880: idealismo e fantasia), *A relíquia* (1887: fortemente satírica e anticlerical, mas também onírica); e, sobretudo, *Os Maias* (1888).

À primeira vista este livro se constitui como um exemplo fidedigno do gênero romance, ao contar as vicissitudes de uma família tradicional lisboeta; todavia, é mais fácil nele perceber a própria história de Portugal, representada por três gerações: a primeira, de Afonso Maia, marcada pela fase mais ativa das lutas liberais contra o absolutismo; a segunda, de Pedro da Maia, posterior às lutas liberais (por isso, claramente mais romântica); e uma terceira, a de Carlos da Maia (personagem central), que corresponde ao período político denominado por “Regeneração”, que durou de 1841 até o final dos Oitocentos.

Um romance “(...) *híbrido e multiforme sob todos os aspectos*”, segundo o professor Sérgio Nazar David (2007, p. 14), *Os Maias* segue problematizando, dentre outras questões, o tema da paisagem aqui levantado, como um “entre-lugar” reivindicando não somente a memória da família em questão, mas de toda uma era, toda uma cidade. Seu parágrafo de abertura, além de ser um dos mais paradigmáticos da literatura portuguesa, relaciona-se também a isso:

A casa que os Maias vieram habitar em Lisboa no outono de 1875 era conhecida na vizinhança da rua de São Francisco de Paula, e em todo o bairro das Janelas Verdes, pela Casa do Ramalhete, ou simplesmente o Ramalhete. Apesar deste fresco nome de vivenda campestre, o Ramalhete, sombrio casarão de paredes severas, (...) tinha o aspecto tristonho de residência eclesiástica que competia a uma edificação do reinado da Sra. D. Maria I. (QUEIRÓS, 2014, p. 7).

A certa altura, Maurice Blanchot (2011, p. 278) afirma que a imagem “(...) *fala-nos, e parece que nos fala intimamente de nós*. Isso é o que já acontece nessa descrição, quando Eça nos expõe um aprofundamento do seu olhar. Notam-se as formas de se ver narrativamente constituindo uma noção cultural do espaço através desse gesto, como se uma “objetiva lançasse um zoom” não a uma velha construção, mas às mazelas do país. Nesse processo, o leitor de *Os Maias* se colocaria diante de um Ramalhete indefinido, com os “tons de ruínas” ali descritos potencializando ainda mais as marcas de uma expiação portuguesa alinhavada por memórias daí desprendidas.

Essa variante me faz mencionar outro apropriado fragmento, quase ao final de *Os Maias*, e que oferece a dimensão de quanto o narrador queirosiano modernamente se confunde com o horizonte observado/descrito. Ocorre aqui a junção de elementos memorialísticos à paisagem citadina, produzindo em nós um distanciamento crítico; pode-se “ver” a cena e “ouvir” os ecos daquele tempo:

Num claro espaço rasgado, onde Carlos deixara o Passeio Público pacato e frondoso - um obelisco, com borrões de bronze no pedestal, erguia um traço cor d’assucar na vibração fina da luz de inverno: e os largos globos dos candeeiros que o cercavam, batidos do sol, brilhavam, transparentes e rutilantes, como grandes bolas de sabão suspensas no ar. (IDEM, p. 540).

Esse “espaço rasgado”, clara referência à construção da Avenida da Liberdade, em Lisboa, me faz retornar a *O crime do padre Amaro*, mais especificamente à última parte, que retrata a curiosa chegada à capital de notícias do esmagamento da Comuna de Paris, fato elogiado pelo personagem Conde de Ribamar, burguês e conservador, representante de uma aristocracia degradada, ligada ao clero. O episódio sarcasticamente ocorre junto à estátua de Camões, no Chiado, com tal “imagem-dialética” representando um Portugal passado que morreu e contrasta em sua glória com a capital agora decadente: “(...) – *Vejam – ia dizendo o conde: – vejam toda esta paz, esta prosperidade, este contentamento... Meus senhores, não admira realmente que sejamos a inveja da Europa!* (QUEIRÓS, 1972, p. 400).

Em *Os Maias*, portanto, esse declínio, esse país feito de pensamento da paisagem (eis aqui o mote um), para além da história de Amaro e Amélia, adquire uma profundidade mais trágica, pois o contato com a estátua dos Restauradores, monumento que exalta a dinastia que sucedeu a dominação espanhola, segue demonstrando justamente o oposto: Portugal nunca se restaurou.

De fato, comprova-se entre os escritores do período uma convergência na direção de decadentes imagens, tais como as recriadas por Cesário Verde em *Sentimento dum ocidental*, que curiosamente ainda persistem na contemporaneidade: lembrei-me agora dos versos de Ruy Belo (2014, p. 22): *O meu país é o que o mar não quer / é o pescador cuspidor à praia à luz do dia / pois a areia cresceu e o povo em vão requer / curvado o que de frente erguida já lhe pertencia.*

Este quadro dá o que pensar. E na manutenção dessa decadência trago à baila o Sr. José Valentim Fialho de Almeida e o seu conto “As vindimas”, extraído do livro *O país das uvas* (1893).

3 | FIALHO DE ALMEIDA: PAISAGENS TRANSFIGURADAS, NUM “VIR A SER” ASPERAMENTE CONTEMPLADO

Nascido no Alentejo na segunda metade do século XIX, Fialho de Almeida tem, no que se inicia depois da crise social e política da Europa à roda de 1870, o seu período de formação literária. Considerava-se um “(...) *decadente num mundo decadente*” (SARAIVA & LOPES, s/d., p. 997), assim fortalecendo sua imagem de requintado dândi finissecular antipático à aristocracia, porém seduzido pelo que nela havia de grandeza. Mesmo com essas incongruências, e apesar também de não ter escrito nenhum romance, pode ser considerado como um dos principais prosadores portugueses do período transaccional entre a geração de 70 e o despertar do século XX.

Seus contos revelam um naturalismo científico por vezes mesclado ao Impressionismo/Expressionismo. A professora Lucy Ruas salienta que Raul Brandão, em suas *Memórias*, sustentou que há em Fialho uma linguagem onde se predomina

o “pictórico” e a “transfiguração” (2003, p. 186), palavras de relevo dentro daquilo que tento aqui desenvolver.

Assim, no mencionado “As vindimas”, logo no terceiro parágrafo, percebe-se algumas das tendências que caracterizam o ponto de vista do narrador (e, por extensão, do autor); a saber, um olhar bastante focado e intersubjetivo, através do qual a paisagem *fin-de-siècle* lisboeta é asperamente avistada:

Entretanto Lisboa está deserta: os teatros às moscas; uma banda marcial guinchando no coreto da avenida, todas as noites, à obtusidade estética dos guardas, únicos freqüentadores nostálgicos dos concertos; as ruas falhas de transeuntes; as tabacarias desertas de fregueses; e, de roda das praças, sob as árvores poeirasas, raros, cada vez mais raros os lisboetas, a quem o governo paga, comparsas de ópera, para darem ao estrangeiro a ilusão de que isto seja uma capital das mais febricitantes (1973, p. 43).

Apesar de Fialho ter censurado bastante *Os Maias* à época de seu lançamento (em crítica publicada no periódico *O Repórter* em 20/07/1888, posteriormente recolhida no livro *Pasquinadas*, de 1890), nota-se aqui a virulência do narrador ao se referir a Lisboa com a sutileza de um esteta e a ironia de um fino observador, tecendo as perspectivas de uma ode ao tédio citadino, com suas ruas e praças impopulares, e a poderosa imagem de uma natureza “poeirosa”, justamente por fazer parte dessa paisagem “deslocada”. Com os seus títeres, ou melhor, “comparsas de ópera”, tal sociedade valorizaria mesmo é a degenerescência da aristocracia, com sua “ilusão de se parecer além do que é” influenciando no comportamento lisboeta. Adiante escreve (1973, p. 44): “*Oh! Quem me dera ser um camponês, como que uma emanação da paisagem que o meu olhar abraça daqui (...)*”. E acrescenta (IDEM, p. 44): “*(...) e bem forte (...) recolhendo ao anoitecer dos matos com o meu feixe de lenha à cabeça, a carreta de vindimador chiando por algum córrego pitoresco (...)*”.

Aliando a estes dois pequenos trechos a informação de que “vindima” se refere em Portugal ao período da colheita de uvas, esse conto, além de se relacionar diretamente com o título do livro, apresenta no meu entendimento duas possibilidades de leitura: a primeira é “esta paisagem citadina que existe apesar de”; e na sequência “esta paisagem campesina construída por mim”.

Mas por que essa segunda possibilidade sinaliza para a ideia de “construção”? É bom deixar claro que especialistas na obra fialhiana (Costa Pimpão, por exemplo) atestam que tanto o caráter dicotômico (sua dualidade com a aristocracia lusitana, por exemplo), quanto à inadaptação pessoal que tinha (discordava de tudo num primeiro relance) se manifestavam quando o assunto era a paisagem alentejana.

Em tempo: não se faz uma afirmação dessas sem se elaborar várias considerações a posteriore, mas o que não possuo aqui é tempo. O que posso ressaltar é a importância da obra de Fialho de Almeida no estudo das questões sociais, econômicas, e de costumes do Alentejo. Mas como seria esse lugar segundo Fialho? O de beleza natural idílica ou, do ponto de vista de sua gente, um lugar onde a rotina poderia ser paralisante? (1937, p. 314). Ele também se referia assim quando

o assunto era os seus conterrâneos. Daí sua rejeição ao Alentejo real; bem como o seu sonho narrativamente construído de um topos diferente. Ao fim e ao cabo: o utopos alentejano de Fialho era uma paisagem “a vir a ser” (eis aqui o mote dois).

Nesses termos, as “pictóricas transfigurações” trabalhadas pelo escritor em “As Vindimas” são incisivas. O leitor se vê apresentado a duas possibilidades paisagísticas, uma decadente, outra idilicamente saudosista, o que nos oferece um frescor. Para nela se chegar, deve-se realizar um deslocamento (lembre-se: “*da paisagem que o meu olhar abraça daqui*”) para longe da contaminação aristocrata de uma realidade objetiva, “ilusória”, cidadina. Os sítios que se revelam ao longe – que muitos nem sequer conseguem ver – estabelecem uma distância muito bem-vinda, que entram em choque com tudo o que foi imposto pela ordenação “obtusa” dos grandes centros. E para os nossos dias, a lição que esse conto oferece é a da necessidade de estranhamento dessas ruínas, para que se possa ter sempre à vista esse recurso de superação, a fim também de se chegar a uma compreensão mais libertadora de nossas realidades circundantes (GINZBURG, 2001, p. 38).

Finalizando este périplo, convoco a presença do Sr. José Francisco Trindade Coelho para, rapidamente, tratar de uma última possibilidade de perspectiva paisagística Oitocentista: somos a paisagem dentro da paisagem (eis aqui o mote três).

4 | TRINDADE COELHO: PAISAGENS RÚSTICAS E, POR ISSO MESMO, LÍRICAS

Na apropriada explicação de João Gaspar Simões (1987, p. 14), a contística na literatura portuguesa, a partir de uma perspectiva Naturalista-Realista, adquiriu boa consistência no momento em que passou a valorizar o rústico como um de seus principais apelos modernos. Nesse cenário, Trindade Coelho ocupa um lugar de relativo destaque graças principalmente ao seu livro *Os meus amores* (1891). Nele, o autor reproduz histórias simples e comoventes, tendo como pano de fundo a sua região natal de Trás-os-Montes e a pulsante paisagem evidenciada nos flagrantes de uma quase “vida real” campesina.

Afirmo que muito embora em relação aos temas Trindade Coelho tenha assimilado um pouco do estilo de Fialho de Almeida, como aponta Fidelino de Figueiredo (1924, p. 269), não resta dúvida de que o autor de *Os meus amores* possui um estilo que em nada lembra a mencionada dicotomia do contista de *O país das uvas*. Destaco um trecho do seu conto “Terra mater”:

Mas agora, a estrada por onde seguia o destacamento, cortada, chanfrada a meio de uma encosta, abria, de um lado, sobre uma galeria de paisagem admirável, vista dali como de uma varanda. Toda repartida em hortas e pomares, de um verde úmido e tenro, a Veiga, em baixo, e para além da Veiga o pano da montanha, inteiramente coberto de árvores, lembravam, na harmonia vaga do seu conjunto, um largo, inspirado, soberbo trabalho de cenografia. (COELHO, 1973, p. 134).

A linhagem rústica se manifesta aqui vivamente, envolvendo as impressões dos soldados que marcham por uma estrada observando as singularidades do entorno, cada qual relembando com saudades as “(...) *cousas de sua terra (...) sombras e clareiras dispersas, fugas de prados, pontos brancos de capelinhas – aqui, ali, além...*” (IDEM, p. 130); desenha-se, deste modo, uma evocação lírica do espaço, que se traduz em rusticidade através desse “além” e na presentificação do que está do lado de lá da estrada, fronteira que resguarda um sítio preservado que convida o observador/leitor a ser metaforicamente lançado do lugar em que está: passamos a ser vistos pelo o que vemos (DIDI-HUBERMAN, 1998, p. 31), tornando-nos também paisagem na consciência de que somos indissociáveis da natureza, submissos a ela.

5 | CONCLUSÃO

Paisagens exteriores e interiores. Espaços abertos ao olhar contemplativo. Dialética do visível e do invisível. Ressaltei neste ensaio, portanto, as particularidades com que cada um dos escritores selecionados “pintou” o seu Portugal. E meu intento se consolidou a partir de três pontos: a) ao evidenciar o notável trabalho de criação desenvolvido por Eça de Queirós e dois de seus contemporâneos, Fialho de Almeida e Trindade Coelho, destacando o caráter atualíssimo de suas produções; b) ao estabelecer a unidade temática entre as obras escolhidas, colocando-as em diálogo com renomados críticos contemporâneos; e c) ao refletir sobre o modo como o conceito de paisagem foi construído em suas narrativas, bem como o uso moderno que dela fizeram.

Iniciei com Ruy Belo e terminarei com Manuel de Freitas, dois contemporâneos que souberam emular essa tal melancolia portuguesa, e na melhor expressão conhecida para se proferir verdades incólumes. Pois a poesia insiste, enquanto discurso misterioso e não menos obstinado, naquilo que se pode chamar de resiliência provocadora. E os espaços lusos, espreado-se dos sítios (deles não se contentando), esgarçando paisagens na direção de objetos e corpos, imagens e sentimentos, dão-nos a exata medida do estigma dialético referido nas narrativas elencadas, evocadoras de transgressores motes associados à criativa liberdade:

(...)

Outros, alguns, tornam concreto o torpor
de um charro e pedem-te em crioulo básico
um cigarro português que tu vais dar,
sem esforço nem palavras. Entre shots, piercings,
t-shirts de Guevara e gel, podes não acreditar
por algumas horas no axioma frágil do teu corpo.
Esfumas-te, como eles, no espelho de um bar
qualquer, país de enganos e baratas. E

quase gostas disso, quase: a música de punhais,
servil, um certo e procurado desencontro.

Um táxi te ensinará depois o caminho de casa
- ou o seu contrário, pois só ali (anónimo
e desfocado) eras finalmente tu, ou podias ser.

O resto, a vida, fica para outra vez. (*Apud* MAFFEI,
2014, p. 88-89).

REFERÊNCIAS

AGUIAR E SILVA, Vitor Manuel. **Vitor Aguiar e Silva em entrevista sobre “Jorge de Sena e Camões”**. Angelus Novus, 2010. Disponível em: <<https://angnovus.wordpress.com/2010/01/04/vitor-aguiar-e-silva-em-entrevista-sobre-%C2%ABjorge-de-sena-e-camoes%C2%BB/>>. Acesso em: 13 de maio 2019.

ALMEIDA, Fialho de. **Carta a Manuel da Silva Gaio**. Revista de Portugal, nº 7, 1937.

_____. **O país das uvas**. São Paulo: Ed. Três, 1973.

BELO, Ruy. **País possível**. Rio de Janeiro: 7LETRAS, 2014.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

COELHO, Trindade. **Os meus amores**. São Paulo: Ed. Três, 1973.

COLLOT, Michel. **Paysage et poésie: du romantism à nos jours**. Paris: José Corti, 2005.

DAVID, Sérgio Nazar. **O século de Silvestre da Silva: estudos queirosianos**. Rio de Janeiro: 7LETRAS, 2007.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **O que vemos, o que nos olha**. São Paulo: Ed. 34, 1998.

FIGUEIREDO, Fidelino. **História da literatura realista**. Lisboa: Livraria Clássica editora, 1924.

GINZBURG, Carlo. **Os olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância**. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

MAFFEI, Luís. **Manuel de Freitas**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2014.

MURICY, Katia. **Alegorias da dialética: imagem e pensamento em Walter Benjamin**. Rio de Janeiro: Nau, 2009.

NEGREIROS, Carmem; LEMOS, Masé; ALVES, Ida. **Literatura e paisagem em diálogo**. Rio de Janeiro: Edições Makunaima, 2012.

QUEIRÓS, Eça de. **O crime do padre Amaro**. São Paulo: Ed. Três, 1972.

_____. **Os Maias. Episódios da vida romântica**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

_____. **Prosas bárbaras**. Lisboa: Círculo de leitores, 1980.

SARAIVA, António José; LOPES, Óscar. **História da literatura portuguesa**. São Paulo: Livraria Martins Fontes, s/d.

SIMÕES, João Gaspar. **Perspectiva Histórica da Ficção Portuguesa (das origens ao Século XX)**. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1987.

SOBRE O ORGANIZADOR

IVAN VALE DE SOUSA - Mestre em Letras pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Especialista em Gramática da Língua Portuguesa: reflexão e ensino pela Universidade Federal de Minas Gerais. Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância pela Universidade Federal Fluminense. Especialista em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas pela Universidade de Brasília. Professor de Língua Portuguesa em Parauapebas, Pará.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aprendizagem 13, 14, 15, 16, 19, 21, 61, 62, 63, 64, 65, 67, 68, 69, 70, 71, 73, 74, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 107, 112, 113, 119, 120, 121, 165, 188, 194, 199, 210, 211, 212, 228, 238, 240, 245, 266

Aquisição 16, 20, 61, 65, 71, 76

Autismo 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84

B

Bakhtin 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 126, 127, 134, 222, 223, 225

C

Complexidade 3, 4, 57, 58, 59, 65, 103, 114, 223, 286

Cotidiano escolar 10, 81, 82

Cultura cômica 123, 124, 126

D

Dança 9, 23, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 48, 50, 51, 52, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 179, 180, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 240, 277, 278, 279, 280, 281, 285, 301

E

Educação de jovens e adultos 199, 208, 209, 210, 211, 216

Educação informal 227

Ensino 1, 2, 3, 4, 8, 9, 10, 11, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 23, 24, 26, 27, 31, 33, 34, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 93, 94, 95, 97, 107, 112, 113, 118, 119, 120, 121, 158, 165, 167, 192, 193, 194, 195, 197, 199, 201, 202, 208, 209, 210, 211, 212, 238, 239, 240, 245, 246, 266, 295, 296, 299, 306

Estudos linguísticos 72, 122, 217, 218, 223, 225

F

Formação 1, 2, 3, 4, 8, 14, 16, 17, 26, 52, 61, 62, 66, 69, 70, 71, 74, 83, 84, 87, 88, 89, 92, 93, 96, 107, 120, 121, 130, 146, 151, 157, 159, 160, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 200, 201, 204, 206, 211, 212, 216, 223, 224, 239, 246, 279, 295, 296, 297, 298, 299, 302, 303, 304

G

Gêneros textuais 15, 18, 20, 113, 118, 119, 120, 121

I

Identidade 1, 2, 3, 4, 5, 8, 12, 16, 17, 20, 22, 35, 37, 39, 41, 42, 43, 45, 46, 63, 64, 65, 75, 104, 110, 112, 113, 116, 118, 119, 120, 132, 180, 181, 220, 237, 238, 239, 281, 297, 298

Imaginário 1, 50, 52, 148, 248, 265

Interação 3, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 20, 25, 63, 69, 76, 78, 105, 106, 109, 112, 113, 115, 116, 117, 120, 121, 133, 174, 175, 195, 220, 223, 227, 239, 286, 287, 288, 292, 301, 302, 304

Interacionismo Sociodiscursivo 6

L

Leitura 13, 15, 16, 18, 19, 20, 21, 25, 61, 81, 99, 100, 101, 103, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 119, 120, 152, 158, 159, 161, 162, 179, 185, 187, 196, 197, 198, 206, 212, 215, 236, 289, 290, 291, 293, 298

Letramento 13, 15, 16, 17, 18, 19, 22, 208, 209, 211, 212

Linguagem 6, 11, 13, 15, 16, 18, 37, 58, 62, 63, 70, 97, 99, 100, 102, 110, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 129, 131, 133, 134, 151, 159, 161, 163, 164, 166, 167, 168, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 182, 203, 209, 210, 213, 214, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 224, 225, 284, 286, 287, 295, 299, 300

Língua inglesa 69, 70

Língua portuguesa 13, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 86, 87, 89, 95, 96, 97, 112, 119, 131, 143, 175, 194, 212, 247, 306

Literatura 106, 123, 124, 126, 127, 130, 134, 144, 145, 146, 147, 150, 153, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 194, 196, 197, 198, 247, 248

Livro de artista 23, 24, 25, 26, 27, 33, 34

M

Memória 4, 25, 52, 102, 104, 105, 107, 124, 132, 146, 150, 158, 176, 223, 236, 260, 261, 281

Midiática 123, 190, 239

Multiculturalismo 61, 62, 63, 70, 90

Multimodalidade 283, 284, 285, 286, 288

O

Ópera 152, 202, 203

P

Personagem 35, 37, 38, 39, 41, 42, 45, 102, 136, 139, 143, 148, 149, 150, 151, 180, 181, 182, 214

Povo indígena 278, 280

R

Rede digital 184

S

Sala de aula 1, 5, 6, 13, 61, 63, 68, 70, 76, 82, 83, 112, 113, 118, 119, 120, 121, 158, 197, 209, 240, 304

Sistematização 95, 119, 296, 302

T

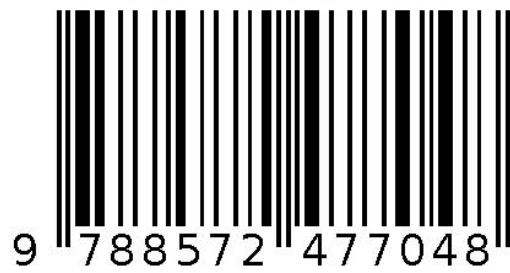
Tecnologias digitais 6

V

Vivências 8, 109, 157, 159, 167, 235, 238, 239, 278, 280

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7247-704-8



9 788572 477048